

FOME DE CANCELAMENTO

SERÁ QUE ESSA CULTURA
É O MELHOR CAMINHO
PARA PROMOVER
MUDANÇA SOCIAL?

O PODER DOS ESPELHOS E DAS REFERÊNCIAS

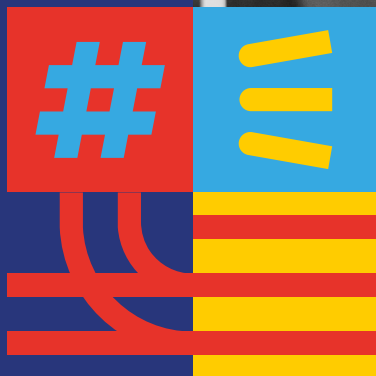
REPRESENTATIVIDADE
NAS MÍDIAS IMPORTA
– E MUITO!

NOVOS CENÁRIOS DE COMUNICAÇÃO

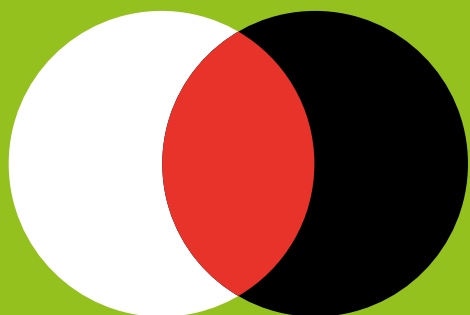
EM UM MUNDO
HIPERCONECTADO,
EDUCAR PARA E COM AS
MÍDIAS É CADA VEZ MAIS
NECESSÁRIO.



DIÁRIO EAD: COTIDIANO ESCOLAR NAS REDES

COMO A PANDEMIA DE
COVID-19 DESAFIOU
PROFESSORES E
ESTUDANTES NO
AMBIENTE VIRTUAL.

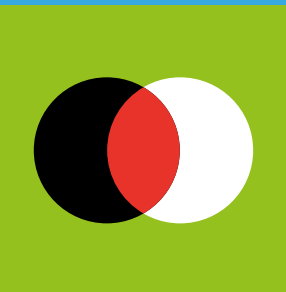



Trilhos da EDUCAÇÃO





A EDIÇÃO DESTA OBRA FOI VIABILIZADA POR MEIO DO PROJETO “TRILHOS DA EDUCAÇÃO – ACESSORIA TÉCNICO-PEDAGÓGICA PARA O FORTALECIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NOS MUNICÍPIOS AO LONGO DA ESTRADA DE FERRO CARAJÁS”, REALIZADO NO ÂMBITO DA PARCERIA ESTABELECIDADA ENTRE FLACSO BRASIL, VALE S. A. E SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO. SUA DISTRIBUIÇÃO ELETRÔNICA OU IMPRESSA É GRATUITA.

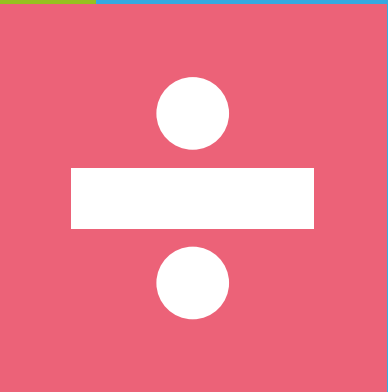


**SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO
DO GOVERNO
DO ESTADO DO
MARANHÃO**

**GOVERNADOR DO ESTADO
DO MARANHÃO**
FLÁVIO DINO DE CASTRO E COSTA

**SECRETÁRIO DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO**
FELIPE COSTA CAMARÃO

**SUBSECRETÁRIO DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO**
DANILO MOREIRA DA SILVA



**SECRETÁRIA ADJUNTA DE
GESTÃO DA REDE DO ENSINO
E DA APRENDIZAGEM**
NADYA CHRISTINA
GUIMARÃES DUTRA

VALE S. A.

PRESIDENTE
EDUARDO BARTOLOMEU

VICE PRESIDENTE DA VALE
LUIZ EDUARDO OSORIO

**DIRETOR DE RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS**
LUIZ RICARDO SANTIAGO

**FACULDADE LATINO-
-AMERICANA DE CIÊNCIAS
SOCIAIS – FLACSO BRASIL**

DIRETORA
SALETE SIRLEI VALESAN CAMBA

**COORDENADORA DO PROGRAMA
CIDADANIA, PARTICIPAÇÃO
SOCIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS**
KATHIA DUDYK

TRILHOS DA EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL

KATHIA DUDYK

COORDENAÇÃO DE ARTICULAÇÃO E GESTÃO INTERNA

BÁRBARA ALVES NONATO

COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO

CAROLINA ALBUQUERQUE SILVA

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

CAMILA CASTANHO

COORDENAÇÃO DE AÇÕES DE JUVENTUDE

EDVARD SALES FERREIRA NETO

COORDENAÇÃO

ADMINISTRATIVA-FINANCEIRA

MÁRCIA DE CÂMERA CAMPOS

EQUIPE

ALINE QUINTÃO, ANA LETÍCIA OLIVEIRA, DANUEL SUCUPIRA, FERNANDA VALESAN, FLÁVIO VINÍCIUS SILVA, JULIANA NASCIMENTO LIMA, PEDRO GORKI, POLIANNA GEYSA RODRIGUES E WILNA SENA

VIRAÇÃO EDUCOMUNICAÇÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

ESTA REVISTA FOI CRIADA A PARTIR DE UM PROCESSO EDUCOMUNICATIVO FACILITADO PELA VIRAÇÃO, ORGANIZAÇÃO SOCIAL SEM FINS LUCRATIVOS QUE REALIZA PROCESSOS E PRODUTOS DE COMUNICAÇÃO PARA A PROMOÇÃO DOS DIREITOS DE ADOLESCENTES E JOVENS.

EDIÇÃO

EDUCOMUNICATIVA

ALINE NOGUEIRA, JÉSSICA REZENDE, JULIANE CRUZ E VANIA CORREIA

REVISÃO

JÉSSICA REZENDE E VANIA CORREIA

DIAGRAMAÇÃO

MANUELA RIBEIRO

IMAGENS

RAWPIXEL.COM
ALLISON SHELLEY/THE
VERBATIM AGENCY FOR
EDUIMAGES

COLABORADORES

DESTA EDIÇÃO

ABIGAIL CRUZ
ALINE NOGUEIRA
ANA BEATRIZ SENA
ANA GABRIELA CORRÊA

ANA JOYCE MACIEL
ANA MIKAELLY CARVALHO
ANA PAULA SANTOS
ANDERSON RAMON DA SILVA
ANDREY LOPES
ANTONIO EDUARDO CAMPELO
CRISTINA LIMA SANTOS
DELSIO JOÃO PAVAN
EDVAN FIDELES COSTA
GIZELLE MARIA LOPES
GUILHERME DA SILVA DAMASCENO
GUILHERME MONTELES
JÉSSICA REZENDE
JOÃO CARLOS SOUSA
JONNYS CLAY BARBOSA
JOSANA LUZ
JÚLIA GABRIELE REIS
JULIANE CRUZ
KEVILLY KAIANE
LAILDE COSTA BARROS
LETÍCIA SALVIANO
LORENA DANTAS ABRAMI
LUANA FERREIRA ALVES
MANUELLE MENDES
MARCELO MARQUES SEREJO
MARIA DAS DORES
MAYARA XAVIER GONZALEZ
MONISE BERNO
NAYELLE EDUARDA SILVA
RAIZA PRATES ANDRADE
RAYZA VIEIRA BARBOSA
SAHORY RAFISA SANTOS
VANIA CORREIA
YASMIN PORTELA VERAS

COORDENAÇÃO EDITORIAL:



REALIZAÇÃO:



FLACSO
BRASIL



VALE

SEDUC

GOVERNO DO
MARANHÃO



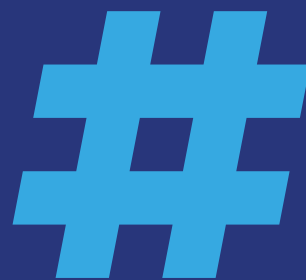
“Edu o quê? Nunca ouvi falar!” ...

Pois é, mas garantimos: não precisa se assustar. Como a própria palavra revela, Educomunicação é um campo que nasce da relação entre a Educação e a Comunicação. Paulo Freire, um grande educador brasileiro, nos ensina que a educação é, em si, uma ação comunicativa. Isso porque educar não é somente transmitir saberes, mas trocar e construir conhecimentos com todas as pessoas envolvidas no processo educativo. Ao mesmo tempo, ele diz que a comunicação é uma ação educativa, já que por meio dela estamos também produzindo sentidos e ideias sobre o mundo. Em resumo, a Educomunicação é entendida como o conjunto de ações que pretendem ampliar a capacidade de expressão das pessoas, melhorar a comunicação e o diálogo e utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação nas práticas educativas.

Esta revista é resultado de um processo educomunicativo, realizado pela Viração, com estudantes e professores da rede pública estadual de ensino do Maranhão, sendo que as escolas participantes estão localizadas nos municípios sob a área de influência da Estrada de Ferro Carajás (EFC). O Núcleos Educomunicativos é um projeto de educação midiática e produção de mídias escolares, implementado no âmbito da iniciativa Trilhos da Educação.

Foram 7 semanas debatendo sobre desinformação, fake news, segurança e cidadania digital, entre outros temas relacionados ao papel da comunicação e das tecnologias digitais nas nossas vidas – além de técnicas de produção e criação de mídias escolares em um espaço de diálogo, experimentação e construção coletiva.

Nas próximas páginas você encontrará aprendizados, reflexões críticas, desafios e proposições pensadas por adolescentes e educadores engajados no projeto. Nosso desejo é que você encontre inspiração para promover ações de Educomunicação no contexto escolar, trabalhando a partir da participação juvenil. **Boa leitura!**



Sumário

QUEM VOCÊ SEGUE
NA INTERNET? __ 6

QUAIS SÃO OS
DESAFIOS QUE A
CULTURA DIGITAL
TRAZ PARA A
ESCOLA? __ 8

PELO DIREITO À
COMUNICAÇÃO E
À LIBERDADE DE
EXPRESSÃO! __ 10

REPRESENTATIVIDADE
NAS MÍDIAS: “EU SOU
PORQUE VEJO QUE
SOMOS” __ 12

ABRINDO
CAMINHOS __ 14

CANCELAR OU NÃO
CANCELAR, EIS A
QUESTÃO! __ 16

O QUE É
SEGURANÇA
DIGITAL? __ 18

FAKE NEWS:
DOS BOATOS DA
ANTIGUIDADE AOS
TWEETS VENENOSOS
DAS SOCIEDADES
HODIERNAS __ 22

DIÁRIO EAD:
COTIDIANO ESCOLAR
NAS REDES __ 25

REDES SOCIAIS:
USE, MAS NÃO
ABUSE! __ 26

DETOX DIGITAL OU
USO CONSCIENTE DAS
REDES? __ 27

MÍDIAS ESCOLARES
– UMA FERRAMENTA
DE PARTICIPAÇÃO
JUVENIL __ 28

“QUERO CRIAR
CONTEÚDO PARA
A INTERNET, MAS
NÃO SEI POR ONDE
COMEÇAR” __ 31

PRONOME
NEUTRO É MESMO
NECESSÁRIO? __ 32

QUAL O VALOR
DE UMA
LEGENDA? __ 35

EDUCAR PARA
E COM AS
MÍDIAS __ 36

OS BASTIDORES
DA WEB NAS
TELAS __ 38

ROTEIROS
PEDAGÓGICOS __ 39

A INTERNET e, principalmente, as redes sociais, trouxeram à tona a possibilidade de democratizar a comunicação. Isso significa que qualquer pessoa – inclusive você, que nos lê agora – com acesso a um computador ou a um smartphone com conexão, pode criar, publicar e até mesmo ajudar a disseminar conteúdos com base em vivências ou leituras de mundo individuais. Ao contrário do jornalismo, que funciona como uma espécie de curadoria da realidade e deve, sempre, partir do levantamento de dados e da apuração das informações.

Mas como tudo na vida tem seu lado positivo e negativo, é importante prestar atenção em quem são as nossas referências no mundo digital. Afinal, nem todas as pessoas se preocupam em produzir conteúdo de forma ética e responsável – podendo gerar desinformação e até desentendimentos entre os seguidores. Para contribuir com essa corrente de forma positiva, perguntamos aos jovens participantes do projeto *Núcleos Educomunicativos*:



Quem você segue na Internet?

Por Aline Nogueira e Jéssica Rezende, da *Viração*, em São Paulo (SP)



Raiza Prates Andrade, **16 anos**

Centro de Ensino Joviana Silva Faria –
Açailândia – MA

Sarah Paulson | @mssarahcatharinepaulson

Ela é atriz norte-americana, faz parte da comunidade LGBTQIA+ e abraça diversas causas sociais.

Angelica Ross | @angelicaross

Atriz negra e trans, fundadora da Transtech Social Enterprises – uma empresa que trabalha para apoiar pessoas trans na busca de oportunidades profissionais na área da tecnologia.

Psicologia Ecoa | @psicologiaecoa

Um perfil formado por duas psicólogas (Julia Nacke e Katherine Servat), com conteúdos diários sobre saúde mental, autoconhecimento e amor próprio.

Escuta Ela | @escuta.ela

Uma plataforma de conteúdo criada e idealizada pela comunicadora Fernanda Vilarrodona, que discute assuntos como bem-estar, saúde mental e cuidado feminino de um jeito leve e divertido.



Marcelo Marques Serejo, **15 anos**

Centro de Ensino Monsenhor Dourado –
Santa Rita (MA)

Normalmente eu sigo perfis de desenhistas – como, por exemplo, o **Thiago Spyked | @thiagospyked_cras**, o **Guilherme Freitas | @gui.gfreitas** e o **Tyago Rodrigues | @tyagorodri**. Sigo pelo bom trabalho que apresentam e pela mentalidade deles.



Rayza Vieira Barbosa, **16 anos**

Centro de Ensino Vereador Joaquim Silva Sousa –
Alto Alegre do Pindaré – MA

Luiza Parente | @luizaparente

Tem conteúdo de moda e eu sigo para ficar por dentro das novidades.

Gessika Kayane | @gessikakayane

É uma figura nordestina muito engraçada. Amo ela!

Virginia Fonseca | @virginia

Gosto do conteúdo que ela passa, mostrando o seu dia-a-dia nas redes.



**Ana Joyce Maciel Pereira,
16 anos**

Centro de Ensino Leão Santos – Arari – MA

Eu indicaria o **Descomplica | @descomplica**, porque é uma página voltada à preparação para o ENEM. Eles sempre trazem dicas sobre redação e outros conteúdos que podem cair na prova, tem lives com professores. Tudo super dinâmico para o melhor aprendizado.

Também sigo o perfil do **Caetano Mondadori | @caetano.mondadori**, dono da Mondadori Escola de Redação. Ele sempre traz dicas sobre possíveis temas que podem cair no ENEM e dá ideias de como abordar os assuntos da atualidade, principalmente usando filmes e séries como argumento.



**Ana Beatriz Silva Sena,
16 anos**

Centro de Ensino Monsenhor Luís Alves
Madureira – Rosário – MA

Radija Pereira | @euradijaapereira

Gosto de acompanhá-la pois a Radija é de Caxias, no meu estado Maranhão. O jeito dela é bem maranhense e faz vários vídeos legais de roupas, maquiagens e exercícios. É uma inspiração muito grande pra mim, pois como ela conseguiu ter 2 milhões de seguidores, eu também posso conseguir crescer assim.



**Guilherme da Silva
Damasceno, 15 anos**

CEMA Dr. Raimundo Magno Alves da Silva
– Vitória do Mearim – MA

Thalissa Faleiro | @oficialthalissafaleiro

Ela é muito gente boa e uma pessoa especial. Sabe falar sobre a Bíblia e muitas outras coisas. É uma bela pregadora e essencial na obra de Deus. Eu admiro!



**Ana Gabriela Corrêa Reis,
17 anos**

Centro de Ensino Leão Santos – Arari – MA

Débora Aladim | @dedaaladim

Eu indico a Débora como criadora de conteúdo porque ela aborda temas muito importantes para estudantes, dicas incríveis sobre estudos, temas que informam sobre aspectos sociais e políticos do Brasil. Também fala sobre assuntos mais descontraídos e divertidos.

Jade Picon | @jadepicon

Ela fala sobre temas como saúde, prática de exercícios, beleza e moda.



**Nayelle Eduarda
Silva Pires, 15 anos**

Centro de Ensino Vereador Joaquim Silva
Sousa – Alto Alegre do Pindaré – MA

Aidan Gallagher | @aidanrgallagher

Norte-americano, ator, cantor e ativista da ONU. Faz postagens sobre a natureza e o meio ambiente.



**Anderson Ramon
da Silva Madeiro, 16 anos**

Centro de Ensino Dom Marcelino Bicego –
Açailândia – MA

Yago Stephano | @yagostephano

Ele é um biólogo super inteligente que fala fatos e não fake news!

Malu Junco | @malujunco

Modelo linda e inteligentíssima, que fala sobre ciência.

Erika Affonso | @erikaaffonso

Uma mulher linda, militante, cantora. Perfeita, nunca errou!

Fayda Belo | @faydabelo

Advogada especialista em crimes de gênero e feminicídio. Mostra a justiça com justiça!

Em Março de 2020 fomos surpreendidos com uma pandemia global que iria transformar (mais ainda) a forma como nos relacionamos e nos comunicamos enquanto sociedade. A chegada do novo coronavírus ao Brasil revirou as nossas rotinas. De repente, não era mais seguro interagir com pessoas que moram em outras casas que não as nossas. Não era mais seguro transitar pelas cidades. Uma doença letal, com alto índice de transmissão pelo ar, modificou, também, o dia-a-dia das escolas. Tal fato exigiu que educadores e alunos de todas as idades se adaptassem a uma nova realidade de ensino-aprendizagem e as TDIC ganhassem cada vez mais espaço nesse processo. **Conversamos com professoras e professores do estado do Maranhão para saber:**



Quais são os desafios que a cultura digital traz para a escola?

Por Aline Nogueira e Jéssica Rezende, da Viração, em São Paulo (SP)



A desigualdade social é bastante perceptível quando pensamos na relação entre educação e tecnologia, de forma crescente e cruel. Estudantes de escola privada, que possuem tablets, computadores e Internet estável, saíram muito na frente em termos de qualidade de ensino-aprendizagem quando comparamos com estudantes que tiveram que assistir às aulas de um aparelho de celular com conexão limitada. Isso quando o mesmo aparelho não precisava ser dividido entre vários membros de um núcleo familiar.

Um outro fator é em relação à atenção (ou falta dela). Como competir com o TikTok pela atenção das adolescentes? É urgente parar de encarar as TDIC como "vilãs" e começar a planejar formas de uso dentro e fora de aula. Como ferramenta de pesquisa, de comunicação e (quijá nossa favorita) de conexão e criação de vínculos com estudantes.

Mayara Xavier Gonzalez Rachid

CE Joviana Silva Farias – Açailândia – MA



As distrações que a Internet proporciona agem como um entrave para a prática educativa, assim como as fake news e demais informações enganosas que circulam na web. Antes de mais nada, há de se considerar a impossibilidade de acesso da parte de alguns discentes, que acabam sendo excluídos desse processo e também a dificuldade de alguns professores ao acessar esses meios. Se faz necessária a existência de debates que contemplem o uso consciente desse meio comunicativo para tratar assuntos da cidadania em geral, assim como a necessidade de recursos financeiros e tecnológicos para promover, de fato, a inovação educacional.

Antonio Eduardo Campelo Bezerra

CE Leão Santos – Arari – MA



A cultura digital pode ser muito incrível: produtiva, potente, inventiva, pode conectar linguagens-pessoas-conteúdos-conhecimentos, etc! Por outro lado, é interessante também destacar que o tempo foi modificado a partir das redes sociais. É perceptível que os alunos têm uma dificuldade maior de concentração hoje em dia. Eles se dispersam mais rápido, ficam entediados e, ainda que a promessa do avanço tecnológico seja gerar a "era da comunicação", é constante a timidez, a dificuldade em expressar ou colocar com suas palavras uma ideia.

O mais importante, talvez, seja nos indagar em como vamos construir essa educação digital? Como vamos aprender a encontrar equilíbrio no manuseio de tantas possíveis ferramentas e acesso qualificado e democrático (universal)?

Lorena Dantas Abrami

CE Dom Marcelino Bicego – Açailândia – MA



Com a popularização da Internet e o barateamento de equipamentos tecnológicos, crianças e adolescentes têm conseguido acessar um grande volume de informações num pequeno espaço de tempo. Dessa forma, quando chegam na sala de aula, eles esperam que o universo digital também faça parte dessa realidade.

O contexto da cultura digital tem desafiado a escola a repensar as suas práticas para que as inovações tecnológicas impliquem em inovações pedagógicas efetivas. Enfim, essa instituição está sendo cada vez mais atizada a procurar caminhos capazes de agregar ferramentas digitais no seu cotidiano de forma ampla, e não apenas pontual, tornando-as parte do processo ensino-aprendizagem.

Josana Luz

C.E. Monsenhor Dourado – Santa Rita – MA



A cultura digital é um avanço significativo contemplado na nova BNCC e que deve ser implementada, o quanto antes em nossos centros de ensino. Entretanto, os desafios são múltiplos. Por exemplo, eu moro em uma cidade do interior do Maranhão com o IDH baixo. O acesso à Internet é fraco e caro.

Para que a escola esteja preparada para abraçar a cultura digital, é preciso estabelecer o planejamento de uma agenda de implementações que inclua a adequação do projeto pedagógico, melhorias na infraestrutura, capacitação dos professores e qualificação dos estudantes para o uso das tecnologias.

Jonnys Clay Barbosa

C.E. Mons. Luís Alves Madureira – Bacabeira – MA



Considerando os acontecimentos causados pela pandemia, pode-se citar a falta de acesso por parte dos estudantes, mesmo com distribuição de chips com dados móveis para cada estudante (renovável todo mês). Não houve capacitação dos profissionais para superar os desafios das aulas online, considerando que a maioria apenas sabia elaborar um slide para utilizar em suas aulas.

Mesmo com alguns incentivos governamentais para o uso de tecnologias na educação, creio que o maior desafio da cultura digital no ambiente escolar seja o problema da infraestrutura. Mesmo nas escolas com acesso à Internet, a velocidade da conexão é muito baixa, impossibilitando seu uso para algumas atividades planejadas. Soma-se a isso também a pouca quantidade (e qualidade) de equipamentos usados na escola para diversas atividades pedagógicas (computador, datashow, etc). Com tudo isso, nessa era digital, fica mais difícil fazer o educando encontrar na escola um ambiente lúdico.

Delsio João Pavan

C. E. Maria José Aragão Cidade Operária – São Luís – MA

Pelo direito à comunicação e à liberdade de expressão!

É cada vez mais importante nos conscientizarmos sobre a importância do acesso democrático à comunicação

Por Cristina Lima Santos e Maria das Dores, do Centro de Ensino Joviana Silva Farias, em Açailândia (MA)



UMA GRANDE PARCELA de pessoas não possui direito à comunicação no Brasil. Aqui, uma a cada cinco não tem Internet em casa e compartilha a rede do vizinho¹. Essa dura realidade veio à tona durante a pandemia de Covid-19 quando, por causa das medidas de isolamento social, muitas das nossas atividades passaram a ser online.

Pudemos observar a fundo o desafio de proporcionar educação a distância, quando nem escolas, nem estudantes têm acesso à Internet e à tecnologia. É frustrante não ter Internet própria, acessar uma rede lenta, ter que compartilhar o celular com irmãos ou até mesmo com os pais. Realmente, nos sentimos despreparados e desassistidos na vida estudantil.

Nesse período da pandemia de Covid-19, quando o tempo de estudo na escola foi reduzido, houve uma necessidade de mais informações para complementar os estudos em casa; e a Internet proporciona o acesso a muitos conteúdos úteis


para o estudante, seja para as tarefas escolares, seja para buscar outras opções de formação, como cursos gratuitos. A impossibilidade de acessar as oportunidades geradas pela Internet, provoca um sentimento de exclusão e incapacidade.

*** A Internet é uma ferramenta de mudança**

A Internet tem ocupado um espaço cada vez maior na vida pública e ela nos dá a oportunidade de compartilharmos ideias com diversas pessoas em todo mundo, abordar soluções e propostas dentro dos diferentes grupos da sociedade e sermos formadores de opinião.

O acesso à uma Internet de qualidade está compreendido no direito à comunicação e é fundamental para exercermos nossa cidadania. É importante ressaltar que ela possibilita que muitas pessoas participem da vida pública e fortalece a sociedade, já que a democracia é feita com a participação de todos. A Internet pode ser um meio de propagação para disseminar práticas políticas e abordar problemas sociais. Um exemplo são as “Jornadas de Junho”, ocorridas em 2013,

¹ Dado extraído da TIC Domicílios 2020, realizada pelo Centro Regional de Estudos para Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Ceticbr).



quando brasileiros foram às ruas protestar, em um primeiro instante, contra o aumento das tarifas do transporte público e passaram a abordar as mais diversas pautas. Nessa ocasião, o uso das redes sociais foi fundamental para a mobilização e para conscientizar as pessoas sobre o que estava acontecendo.

Além disso, nas mídias sociais, como Instagram e YouTube existem muitos perfis voltados às mulheres negras, como o **@afroicas**; ou sobre as pautas LGBTQIA+, como o canal da youtuber **Lorelay Fox**, que aborda a dificuldade e os diversos preconceitos sofridos por gays. Iniciativas como essas são importantes porque geram reflexão, empoderam as pessoas e faz com que a sociedade acompanhe a transformação e contribua para uma mudança produtiva.

✘ Liberdade de expressão sim, violar direitos não!

A liberdade de expressão é um direito individual, exercido em sociedade, que nos garante a possibilidade de expressar ideias, crenças, valores e opinar usando o bom-senso, fazendo uso dos vários meios de comunicação. Mas, cuidado! **Dizer que somos livres para falar o que quisermos não significa que podemos usar essa liberdade para ferir os direitos fundamentais de outras pessoas.**

A defesa da liberdade de expressão tem sido usada para amparar discursos de ódio, que incitam à violência e disseminam conteúdos racistas, machistas e homofóbicos. Mas ofender, ameaçar, difamar, disseminar ódio é crime e só reforça a opressão indo totalmente contra o conceito de liberdade de expressão.

A partir do momento que se usa do direito à liberdade de expressão para abordar um assunto, você se torna responsável pelo que diz e pelas consequências. Vivemos em sociedade, com pessoas diferentes, de gostos e ideias diversas e o respeito à opinião do outro e à sua integridade física e moral é um ponto de equilíbrio na democracia que deve ser buscado.

Com a popularização da Internet e das mídias sociais houve a evolução e a ampliação da nossa capacidade de expressão, pois podemos alcançar mais pessoas. São ferramentas poderosas para propagar ideias e expandir a democracia, como já mencionamos acima. Tudo isso fortalece o direito à liberdade de expressão como algo positivo que está diretamente ligado ao direito à comunicação, permitindo que as pessoas tenham como se posicionar e manifestar no meio em que vivem.

É necessário lutar em defesa da democracia e para não perdermos esses direitos individuais e coletivos. A participação do povo é essencial, as pessoas precisam exercer seu papel cidadão e não sofrer censura. É por meio da liberdade de expressão que criamos novas formas de pensar e dizer, que ampliam o que entendemos e praticamos como liberdade.

Representatividade nas mídias:

“Eu sou porque vejo que somos”

Qual é a importância das juventudes se sentirem representadas nas mídias?

Por Lailde Costa Barros, do Centro de Ensino Vereador Joaquim Silva Sousa, em Alto Alegre do Pindaré (MA)

Você se sente representado nas telinhas? Há algum tempo eu não sentia interesse algum em saber sobre o assunto. Para mim, ara mim não tinha tanta importância saber se eu estava sendo representada ou não na TV ou em qualquer outro veículo de comunicação, mas à medida que o tempo foi passando, surgiu em mim uma curiosidade de entender qual é a grande importância disso.

DEPOIS DE PESQUISAR e refletir um pouco, surgiram algumas perguntas: quantas pessoas negras você já viu em propagandas na TV? Poucas, né? Você já viu ou ouviu falar em algum profissional do audiovisual que é trans? Acredito que não. É aí que percebemos o quanto ainda sofremos com o preconceito, com o racismo, com a LGBTfobia.

Mesmo com a falta de representatividade, acredito que as poucas pessoas que vemos nos fazem sentir acolhidos. Como no filme “Pantera Negra”, em que o protagonista T’Challa, interpretado por Chadwick Boseman, representa a luta antirracista, celebra e enaltece a cultura

Tá na mão!

A Internet é um canal ótimo para se aprofundar em alguns temas. Separei algumas dicas de vídeos com especialistas e criadores de conteúdo que pensam a pauta das representatividades. Vale a pena dar play!

- 1 Embranquecimento e falta de representatividade na mídia, com Paula Kim.**
- 2 Falta representatividade negra na TV, um debate promovido pelo Canal Preto.**
- 3 Pablo Vittar conta sobre a agressão que sofreu na infância, em entrevista ao programa Altas Horas.**



1



2



3

afro. Ao nos sentirmos representados em espaços de evidência e posições de liderança, podemos confiar mais em nossas capacidades, aumentamos a nossa autoestima e percebemos que podemos ser o que quisermos. Nós temos direito à livre expressão e, também, de nos mostrar ao mundo sem nos sentir menosprezados.

O poder dos espelhos e das referências

Atualmente, já vemos mais pessoas negras, mulheres e LGBTQIA+ com mais oportunidades e à frente de muitos projetos importantes. Em uma de suas participações no programa Altas Horas, apresentado pelo jornalista Serginho Groisman, a cantora Pablla Vittar se emocionou ao contar sobre quando ela foi discriminada na escola por ser uma criança afeminada; chegando até a ser agredida. Hoje ela faz muito sucesso, tem milhares de fãs e é referência para muita gente.

São histórias como essa que nos encorajam a lutar pelos nossos objetivos, além de ajudar a combater os preconceitos que ainda existem na sociedade. Esses relatos acabam ensinando que todos temos a mesma importância; independente de qual raça, gênero ou sexualidade nos identificamos. Enfim, podemos e devemos buscar viver com igualdade. A representatividade é poder enxergar nossos semelhantes nas telas, no mercado de trabalho, na política, na música, etc. É se identificar com alguém que tem um papel importante em uma novela ou que tem uma ótima atuação em um filme. Se espelhar em alguém que fez a diferença em sua comunidade e é visto como liderança.

Quando era criança, eu sofri muito com o racismo, por ser negra e ter cabelo crespo. Lembro que eu sonhava em aparecer na televisão e, sempre que contava isso para outras pessoas, riam e debochavam de mim. Eu comecei a me odiar, até ver que em uma novela tinha uma atriz que se parecia muito comigo – pois tinha pele negra igual a minha, tinha cabelo crespo igual ao meu. Essa mulher era a Taís Araújo, a primeira protagonista negra de uma novela da Rede Globo exibida em horário nobre. Foi assim que eu percebi que podia, sim, algum dia ter as mesmas oportunidades que ela teve.

Eu sou importante! Não importa a cor da minha pele, se o meu cabelo é liso ou não. Eu posso ter um lugar de destaque. A representatividade é fundamental para reconhecer e valorizar as origens de cada um. Como disse Michelle Obama: “Se queremos chegar a algum lugar juntos, devemos estar dispostos a dizer quem somos. Eu sou a ex-primeira-dama dos Estados Unidos e também sou descendente de escravos. É importante ter presente essa verdade”. Depois disso comecei a me aceitar, a me amar – e isso é incrível.

PRA FICAR LIGADE!

É muito importante aprender a “dar nome aos bois”. Por exemplo, você sabe identificar uma situação de bullying? Sabe dizer quando se trata de racismo, gordofobia ou LGBTfobia? O que é discurso de ódio? Se não, a gente explica – mas não se esqueça de buscar informação em fontes confiáveis, porque essa também é uma forma de combater o preconceito e enfrentar violências.



BULLYING

Atos agressivos, podendo ser verbais ou físicos, envolvendo ameaças ou intimidação. É praticado de forma repetitiva e sistemática de forma individual ou em grupo.



DISCURSO DE ÓDIO

É um tipo de violência verbal baseada na intolerância às diferenças entre crenças, etnias, gênero, sexualidade, origem e outros marcadores sociais.



RACISMO

Se refere a toda e qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício de direitos humanos ou liberdades fundamentais.*



GORDOFOBIA

Está intrinsecamente ligada ao estigma social negativo e preconceituoso em relação à obesidade, fazendo com que a pessoa seja menosprezada ou impedida de realizar determinadas atividades cotidianas e exercer funções sociais por conta do seu peso.



LGBTfobia

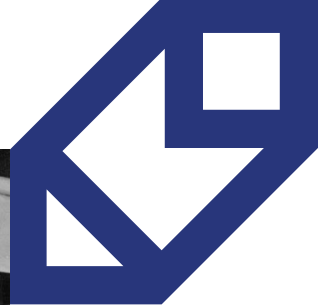
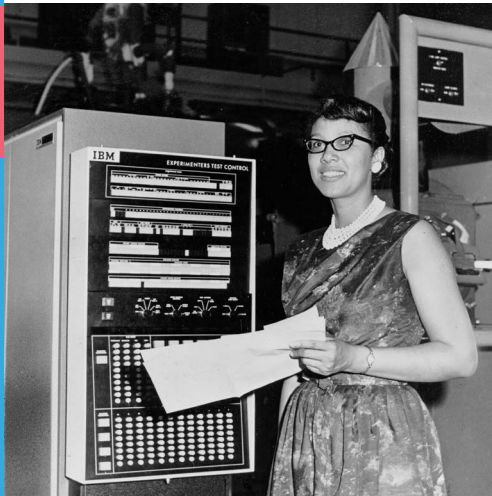
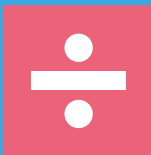
Surge dos preconceitos e estereótipos negativos que a sociedade criou em relação à comunidade LGBTQIA+, se tratando de qualquer forma de intolerância e/ou aversão contra pessoas que fogem da heterocisnormatividade.

*Fonte: Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, Assembleia das Nações Unidas.

Abrindo caminhos

Conheça a história de Dorothy Vaughan, a cientista negra que ajudou o homem a pisar na Lua

Por Vania Correia, da Viração, em Bonito (MS)



DOROTHY VAUGHAN foi uma mulher brilhante e inspiradora que abriu caminhos. Enfrentou o racismo e o machismo para se tornar uma das mais importantes cientistas do National Advisory Committee for Aeronautics (NACA) e, posteriormente, da National Aeronautics and Space Administration (NASA).

Nascida em 1910, em Kansas City, no estado de Missouri (EUA), Dorothy se formou em matemática aos 19 anos, na Universidade Wilberforce, em Ohio. Durante a Grande Depressão, precisou abandonar o sonho de fazer mestrado para trabalhar como professora e ajudar a família financeiramente. Em 1932, se casou com Howard Vaughan, com quem teve quatro filhos.


No auge da Segunda Guerra Mundial a carreira de Dorothy tomaria outro rumo. Em 1943, ela assumiu um posto de trabalho, que acreditava ser um emprego temporário de guerra, no Langley Memorial Aeronautical Laboratory, do NACA – que precedeu a NASA. Sua contratação, assim como a de outras pessoas negras, foi possível graças à Ordem Executiva 8802, sancionada pelo presidente Roosevelt, que proibia a discriminação racial, religiosa e étnica na indústria de defesa do país.

Na época, vigoravam as leis de Jim Crow – um conjunto de leis estaduais e locais que impunham a segregação racial no sul dos EUA. Com isso, os espaços e serviços públicos eram obrigados a manter instalações específicas para pessoas brancas e negras, sendo que aquelas destinadas à população negra eram sempre inferiores. Por causa dessas leis, o Langley designou Dorothy para uma unidade segregada – a West Area Computing –, composta por um grupo de cientistas brancas e outro de cientistas negras. Elas eram chamadas de “computadores humanos”, pois realizavam, manualmente, os cálculos usados em projetos espaciais e de aviação. Apesar de fazer o mesmo trabalho, as matemáticas negras recebiam salários menores e precisavam usar banheiros e refeitórios separados.

Em 1949, Dorothy foi promovida à chefe da unidade West Computing, se tornando uma das poucas mulheres e a única negra supervisora no NACA, cargo que exerceu por quase uma década. Com a transição para a NASA, em 1958, as instalações segregadas foram abolidas e Dorothy passou a integrar a Divisão de Análise e Computação (ACD).


Quando a NASA aderiu aos computadores IBM para fazer os cálculos, Dorothy sabia que ela e suas colegas perderiam o emprego, já que os computadores fariam seu trabalho de forma mais rápida e barata. Então, foi mais uma vez pioneira. Aprendeu sozinha a programar em FORTRAN e ensinou sua equipe, contribuindo não só para a manutenção de empregos, mas para que mulheres negras se firmassem profissionalmente na área.

Dorothy Vaughan se aposentou na NASA em 1971 e faleceu em 2008, em Hampton (EUA). Seu legado viverá para sempre. Ela superou os desafios de um trabalho complexo em um ambiente racista e machista e lutou pela participação de mulheres na computação e por melhores condições de trabalho para si e suas colegas, inspirando e abrindo caminhos para novas gerações. Parte dessa história está retratada no filme *Estrelas Além do Tempo*, do diretor Theodore Melfi. O longa-metragem, que estreou no Brasil em 2017, conta o papel decisivo da equipe de cientistas negras, da qual Dorothy fazia parte, para a vitória dos EUA na corrida espacial com a antiga União Soviética, que levou o primeiro homem à Lua.



Tá na mão!

Assista ao trailer de “**Estrelas Além do Tempo**”. Acesse em: <https://bit.ly/3niOrpA>



Cancelar ou não cancelar, eis a questão!

Cada vez mais popular, a cultura do cancelamento pouco contribui para o avanço democrático para a paz e para a justiça social

Por Abigail Cruz, Ana Gabriela Corrêa, Ana Joyce Maciel, Eduardo Campelo e Letícia Salviano, do Centro de Ensino Leão Santos, em Arari (MA)



VOCÊ JÁ DEVE TER OUVIDO FALAR em cultura do cancelamento. Talvez até tenha cancelado alguém ou tenha sido cancelado. Vamos entender melhor o que é isso, como funciona e quais são as consequências?

Relativamente novo, o fenômeno da cultura do cancelamento começou como uma forma de chamar a atenção para causas sociais e ambientais. A prática é simples: alguém registra em foto ou vídeo uma pessoa fazendo algo errado e posta nas redes sociais, marcando empregadores, patrocinadores, autoridades públicas e, claro, influenciadores digitais para garantir um maior alcance. Pronto! Agora é só esperar que o post seja compartilhado por milhares de outros perfis.

A pressão gerada pelas milhares de menções nas redes e o possível prejuízo à imagem, em geral, leva empresas e instituições a demitirem, cancelar patrocínios, entre outras medidas, antes mesmo de ouvir a pessoa acusada. Não

se trata, portanto, apenas de ataques virtuais coordenados, que se encerram ali mesmo na Internet, mas de uma ameaça ao emprego, renda e meios de subsistência dos cancelados. Acontece com pessoas famosas ou autoridades públicas, mas é cada vez mais comum envolver também pessoas anônimas.

No Brasil, um caso recente foi o da blogueira Gabriela Pugliesi, que postou nos stories do Instagram imagens suas em festas, em abril de 2020, em plena quarentena da pandemia de Covid-19. O público não perdoou e iniciou uma campanha para pressionar patrocinadores a cancelarem seus contratos. A blogueira perdeu pelo menos 5 contratos e amargou um prejuízo estimado em mais de R\$2 milhões.

E como não falar da cancelada mais emblemática do país? A cantora Karol Conká, depois de uma participação turbulenta, equivocada e contraditória



no BBB, sofreu ataques nas redes e ficou tão impopular que teve diversos contratos rescindidos – perdendo mais de R\$5 milhões. Além disso, seu filho adolescente também foi ameaçado nas redes.

A cultura do cancelamento tem a ver com a crítica e o julgamento sumário de uma pessoa em um contexto isolado. **Há quem defenda**

o cancelamento, alegando que as pessoas canceladas “merecem” passar por isso, afinal elas fizeram algo errado e condenável, mas será que cabe a nós julgar alguém dessa forma? Será que essa é a forma mais efetiva de responsabilizar uma pessoa

por seus erros e de promover mudança social?

Na nossa opinião, a resposta é não.

Se alguém cometer uma discriminação racial, por exemplo, devemos acionar a Justiça e deixá-la fazer o seu papel. Postagens ofensivas também podem ser denunciadas nas próprias redes sociais; nesses casos, as plataformas analisam e decidem se o conteúdo denunciado é ofensivo e merece ser tirado do ar. Além disso, crimes cometidos no ambiente online também são passíveis de responsabilização legal. Essas medidas não isentam as pessoas de responsabilidades, mas dá a elas a chance de aprender com o próprio erro, sem a exclusão sumária nas redes.

Devemos também nos questionar se é realmente necessário e efetivo cancelar uma pessoa para obter uma simples sensação de justiceiro ou de dever cumprido. Apontar e denunciar uma postura equivocada, preconceituosa, antiética não precisa, necessariamente, significar cancelar essa pessoa. O que tem acontecido nos últimos tempos não tem nada a ver com debate de ideias entre pessoas que pensam e agem diferente ou com denúncias de crimes, mas sim

com *exposeds*¹, que geram linchamento virtual e cancelamento, acarretando consequências dramáticas na vida dos acusados e até mesmo de seus familiares, como perda de emprego, dificuldades nos negócios e até mesmo violência física. Mais que isso, a cultura do cancelamento gera uma espiral de ódio e de intolerância que não contribui para a democracia, para a promoção da paz, nem para a justiça social.

A velocidade com que as coisas acontecem na rede é um agravante do problema. Em geral, há pouco tempo para a reflexão e o aprofundamento das informações. As pessoas são levadas pela emoção e agem sem pensar, levadas pela sensação de poderem fazer a diferença numa determinada situação. E isso pode levar, inclusive, a injustiças. Às vezes as acusações não são verdadeiras, mas mesmo assim são divulgadas por todos os cantos da Internet numa rapidez impressionante.

Um caso que se tornou emblemático, é do americano Emmanuel Cafferty, cuja foto, supostamente fazendo um símbolo racista, circulou no Twitter. Ele não teve vez para se defender. Uma pessoa procurou o nome da empresa onde ele trabalhava nas redes sociais e o denunciou alegando que ele era um supremacista branco, o que fez com que Cafferty perdesse o que ele considerava ser o melhor emprego de sua vida. Cafferty, no entanto, alega que estava apenas alongando os dedos e nem sequer conhecia a conotação do símbolo. Hoje ele precisa fazer acompanhamento psicológico para superar os traumas pelos ataques que sofreu.

¹ Exposed é o ato de expor publicamente, nas mídias sociais, alguma atitude criminosa ou antiética de uma pessoa.

O que é segurança digital?

A Internet oferece inúmeras oportunidades, mas também traz riscos e precisamos aprender a nos proteger deles

Por Anderson Ramon da Silva Madeiro, João Carlos Sousa Conceição, Lorena Dantas Abrami e Luana Ferreira Alves, do Centro de Ensino Dom Marcelino Bicego, em Açailândia (MA)

A SEGURANÇA NA INTERNET é um assunto muito amplo e perpassa por alguns aspectos gerais importantes de serem compreendidos. O primeiro deles é a própria Internet. A Internet é uma rede de conexões mundiais, que permite o compartilhamento de dados entre aparelhos. É uma forma de entretenimento e comunicação entre as pessoas, um espaço que agrega valores reais, onde conversamos com outras pessoas, acessamos diversas informações e notícias, pesquisamos sobre todos os assuntos e fazemos tarefas do cotidiano, como estudar, comprar, ouvir música, etc.

Podemos, realmente, imaginar a Internet como um espaço, pois sua dimensão é muito grande, com ela podemos fazer várias coisas tanto para o bem quanto para o mal, e é por isso que estamos falando de segurança na Internet. Ainda que seu principal objetivo seja gerar informação, aumentar conhecimento, entretenimento, diminuir distâncias e aproximar pessoas, constantemente as ações que ocorrem nesse espaço são inversamente proporcionais aos seus objetivos. Não é incomum vermos notícias e até conhecermos pessoas que sofreram ataques via Internet de várias formas, como roubo de dados (cibercrimes), cyberbullying, notícias falsas, assédios e exposição.

O que é segurança na Internet?

Como podemos perceber a Internet é imensa e pode armazenar todos os dados que colocamos nela, seja uma pesquisa ou uma conta de e-mail. Constantemente as políticas de privacidade sofrem alterações, deixando o consumidor cada vez mais vulnerável aos grupos que desenvolvem aplicativos, sites e redes sociais. Não é incomum pedirem seus dados na Internet, mas calma! Não estamos dizendo para você cancelar todas as suas contas e sim que você tem que se assegurar antes de colocar seus dados por aí em qualquer site que aparece em sua frente.

Você deve buscar proteger a infraestrutura da sua Internet, pode ser seu computador ou

smartphone. Segurança na Internet pode ser compreendida como todos os cuidados que usuários devem ter para proteger todas as propriedades que fazem parte do ambiente online. Procedimentos, normas e leis, como a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), buscam identificar e eliminar as vulnerabilidades das informações de usuários e aparelhos conectados, então tenha muito cuidado ao colocar suas informações por aí. A segurança na Internet tem como prioridade fazer com que as informações importantes não fiquem em posse de mais ninguém além do legítimo dono.



Legislação brasileira

O Marco Civil da Internet, Lei 12.965/2014, estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Sua relatoria contou com sete audiências públicas que receberam diversos setores de mais de 60 instituições e foi a primeira vez na história que a Câmara dos Deputados utilizou sugestões enviadas via Internet, inclusive pelo Twitter, na elaboração de uma Lei. Ela já passou por duas outras alterações, tendo sua última aprovada em 2019.

Já a **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD ou LGPDP)**, Lei nº 13.709/2018, regula as atividades de tratamento de dados pessoais e altera os artigos 7º e 16 do Marco Civil da Internet. Ela conta com 32 artigos e 9 capítulos, que abordam questões como direito à privacidade e à intimidade, à autodeterminação e à liberdade de expressão.

Ela dialoga em vários aspectos com a Constituição Federal e em seu primeiro artigo diz o seguinte: “Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural.”

Notícias Falsas

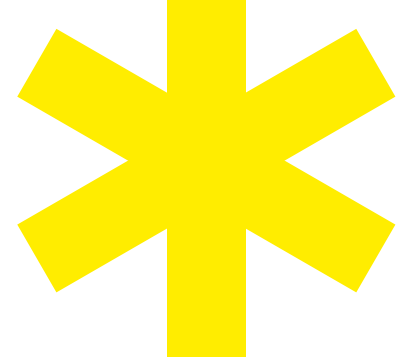
Apesar do termo Fake News (“notícia falsa”, em inglês) ser popularizado em 2016, a história do mundo é marcada por muitas desinformações e manipulação na comunicação. A indústria da desinformação cresce, ao passo que veículos tradicionais apresentam quedas em seu engajamento.

Elas podem utilizar mesclas de informações verdadeiras com dados e situações falsas; alterar imagens e não incomum causando medo e outros sentimentos intensos nos leitores.

Podem induzir pessoas a vários erros, como preconceito, problemas de saúde pública, violências (linchamento), estimular que votem em determinados candidatos e candidatas, tendo uma percepção muito distorcida de seus perfis.

É difícil combater notícias falsas, porém é necessário ficar vigilante ao título das reportagens. Seus títulos tendem a ser tendenciosos, então, use plataformas especializadas em checagem; a Agência Lupa, Boatos.org e Aos Fatos são algumas delas.

Dicas importantes quando você acessar uma Fake News: não replique, se tiver como, denuncie e avise às demais pessoas, tanto para que não compartilhem e denunciem também, como para criar formas de alertá-las a desenvolver métodos para evitar desinformação.



Como se proteger de golpes na Internet

Outro ponto muito pertinente sobre segurança na Internet está ligado a golpes criminosos. Veja no quadro abaixo alguns exemplos e como evitar que algum golpe aconteça com você.

GOLPES QUE CIBERCRIMINOSOS REALIZAM NA INTERNET

Roubo de informações pessoais

Roubo de dinheiro

Ataque a sistemas ou equipamentos

Roubo de identidade

Clonagem de cartões

COMO EVITAR ESSES GOLPES?

- Manter ativos e atualizados os antivírus em nossos aparelhos que acessam à Internet;
- Evitar fazer transações financeiras em redes abertas ou em computadores públicos e verificar os arquivos anexos das mensagens de estranhos, evitando baixá-los se não tiver certeza do seu conteúdo.
- Devemos ter bastante cuidado ao baixar arquivos ou apps por sites que não são confiáveis, pois clicar naquele link indicado no site, pode permitir que vírus entrem dentro do seu smartphone e potencialmente destruam o sistema ou roubem suas informações.

Alerta: Nunca passe suas informações pessoais sem ter certeza que quem está pedindo não é um golpista. Para isso, fique atento a qualquer indagação estranha.

Exploração Sexual

Criminosos sexuais podem utilizar o espaço virtual para chegar às vítimas e para cometer violência sexual contra elas. Algumas práticas que esses abusadores utilizam no meio online são:

- Nas redes sociais, enviar comentários de natureza sexual que deixam a vítima desconfortável;
- Enviar fotos dos seus órgãos genitais para a vítima, deixando-a assustada;
- Pedir à vítima fotos íntimas e, depois, eventualmente utilizá-las para chantagear e ameaçar a vítima, para lhe pedir mais fotos/vídeos, dinheiro, bens ou outras vantagens;
- Convencer a vítima a encontrar-se consigo para praticar atos sexuais

É importante ter alguns cuidados no ambiente online para se proteger de abusadores, a saber:

- **Não conversar com quem não se conhece:** o diálogo pode parecer muito interessante, mas é muito fácil conversar com alguém e, mesmo sem querer, dar muitos dados sobre a nossa vida. Tens a certeza que sabes quem está do outro lado? E se as fotografias que te manda sobre ele/ela são reais? Essa pessoa pode começar a enganar-te até obter de ti fotografias e vídeos com os quais posteriormente possa te ameaçar, chantagear ou obter dinheiro.
- **Não compartilhar conteúdos de natureza íntima, teus ou de outra pessoa: não produzam estes conteúdos sob qualquer pretexto:** não são provas de amor nem brincadeiras saudáveis. Aquilo que partilha hoje com uma pessoa que até pode ser de confiança, amanhã pode ser a razão pela qual te chateiam e utilizam as suas imagens como alguma forma de vingança – já pensou sobre como a tua vida mudaria se isso acontecesse? Se recebe imagens íntimas de outras pessoas, não compartilhe. Essa pessoa saberá do que se passa? Ao invés disso, denuncie o conteúdo para que possa ser removido ou fale com alguém para que possa te ajudar a fazê-lo.
- **Cubra sua webcam:** sempre que puder cubra sua câmera, pois eventualmente alguém pode, através da invasão do seu PC, ter acesso a sua câmera mesmo sem sua autorização.

Estes são alguns sinais de que uma criança ou jovem pode estar sendo vítima de violência sexual online, tendo em conta o comportamento da pessoa com quem conversa:

- Te dá muita atenção e faz-te comentários muito simpáticos;
- Te pede fotografias/vídeos em que estás nu/a ou parcialmente nu/a;
- Te pede segredo sobre as conversas;
- Prefere usar chats privados (whatsapp, facebook messenger);
- Quer insistentemente (e às vezes muito rapidamente) falar sobre sexo;
- Se não fizer o que ele/a quer, muda rapidamente de humor;
- Diz que a webcam está partida para que não o/a possas ver.



Alerta: Lembre-se que o que cai na Internet fica lá para sempre! Se você está sendo vítima de um molestatador, na Internet, denuncie. Ligue para o **Disque 100**, serviço de proteção dos direitos humanos.

Fake News: dos boatos da antiguidade aos tweets venenosos das sociedades hodiernas

A disseminação de informações falsas é uma característica exclusiva dos nossos tempos?

Por Andrey Lopes, Josana Luz, Manuelle Mendes, Marcelo Serejo e Sahory Rafisa Santos, do Centro de Ensino Monsenhor Dourado, em Santa Rita (MA)

CERTAMENTE VOCÊ JÁ DEVE TER OUVIDO FALAR EM FAKE NEWS, as famosas notícias falsas que têm um enorme poder de disseminação. Mas, já parou para pensar como elas funcionam, quem produz essas notícias e como elas são veiculadas? E os riscos de compartilhar esse tipo de informação, já se questionou sobre isso? Pois bem, é a respeito desse assunto que iremos tratar aqui.

A história da humanidade é repleta de casos de pessoas que criaram, seja de maneira velada ou explícita, uma série de boatos visando manipular ou prejudicar a reputação de outras pessoas, confundir e influenciar a decisão de tantas outras. De acordo com o historiador



Robert Darnton, “a invenção de verdades alternativas não é tão infrequente, e equivalentes às mensagens de texto e aos tuítes cheios de veneno de hoje podem ser encontrados em quase todos os períodos da história, inclusive na Antiguidade”. **Notícias falsas e enganosas sempre se fizeram presentes ao longo do desenvolvimento das diversas sociedades, o que mudou foi a forma de divulgação e a velocidade como elas se dispersam.**

Indubitavelmente, propagar falsas informações ganhou força com a popularização da Internet e o barateamento de equipamentos tecnológicos. A Internet e as redes sociais, com seu potencial de velocidade, têm servido como principais meios de divulgação de Fake News. Essas notícias são produzidas, em sua maioria, por pessoas que ficam no anonimato, através de sites ou perfis falsos que imitam o estilo jornalístico com o objetivo de legitimar um ponto de vista e, assim, manipular o maior número de pessoas. Elas são usadas, também, para ganhos financeiros, trazendo sempre um estímulo para que as pessoas cliquem em sites ou acessem determinado produto. Além disso, comumente, têm sido criadas com objetivo de cunho político, buscando causar danos à imagem ou sustentar uma visão errada de pessoas ou de grupos.

Poderiam perguntar os leitores e as leitoras mais inquietas: mas onde está o verdadeiro perigo em propagar Fake News? Ora, o risco de tudo isso está na banalização, em disseminar sem ter o menor cuidado de analisar a veracidade ou não da notícia. Conferir se a informação é verídica ou não, se tornou algo secundário. O mais importante para quem espalha esse tipo de notícias é conseguir alcançar e convencer o maior número de pessoas sobre as “verdades” que elas carregam, sem sequer se preocupar com os reais riscos sociais que essa inconsequente atitude possa provocar.

Vale ressaltar, então, que compartilhar notícias falsas pode acarretar prejuízos para a saúde pública, incentivar o discurso de ódio e ameaçar o estado democrático de direito. O uso das

redes sociais para disseminar informações desse viés, destrói reputações, abala a confiança das pessoas em instituições como a Ciência e, em casos extremos, pode até resultar em mortes. O caso dos movimentos antivacina, que voltaram a crescer neste período de pandemia de Covid-19, se configura como exemplo dessa realidade e como efeito colateral adverso para o desenvolvimento da sociedade. Fazer postagens que desinformam a respeito da eficácia de vacinas ou, ainda, espalhar a ideia de que vacinar faz mal, cria resistência à vacinação e contribui para colocar a vida da população em risco.

Propagar desinformação tem se tornado tão banal que tem contribuído até para que especialistas desta técnica migrem para uma que sofisticada ainda mais a mentira. É isso mesmo! Estamos falando de **deep fakes** que, segundo a jornalista Mariana Barbosa, autora do livro “Pós-verdade e Fake News: reflexões sobre a guerra de narrativas”, se configura como “manipulação levada ao extremo, normalmente de áudio, imagem estática e vídeo, por produtores de Fake News, com a intenção de tornar difícil, até mesmo impossível ao primeiro contato, a percepção de que o material foi adulterado e não corresponde à verdade”. No período eleitoral de 2018, por exemplo, a manipulação de imagens foi tão bem trabalhada que induziu o eleitor a cometer erros estapafúrdios.

Parece até que chegamos a um nível onde a confiança depositada nos meios de comunicações instantâneas globais, de que esses seriam capazes de possibilitar uma comunicação segura e efetiva entre os indivíduos, se quebrou e estamos num caminho sem volta. Calma! Combater notícias falsas realmente não é tarefa fácil. Cabe às empresas de tecnologia, com interferência mínima dos governos, zelar pelo

conteúdo publicado nas redes sociais e avaliar se ele deve ser retirado do ar ou não.

Entretanto, recentemente, Jair Bolsonaro, presidente da república brasileira, editou uma medida provisória que dificultava a remoção de conteúdos publicados nas redes sociais. Essa MP, além de modificar o Marco Civil da Internet aprovado em 2014, que estabelece direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil, não prevê a exclusão, cancelamento ou a suspensão de notícias que desinformam ou propaguem informações falsas. Por isso, foi duramente criticada por estudiosos do assunto e pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) que a definiu como inconstitucional, devolvida pelo Senado por considerar que ela gerava insegurança jurídica e tornada sem efeito pelo Supremo Tribunal Federal. Tendo assim, um curto tempo de vida.

Vale observar, então, que existem dicas de ouro para saber identificar se uma postagem é verdadeira ou não. Veja alguns exemplos: preste muita atenção em informações de caráter duvidoso e alarmante demais; verifique se o texto tem autoria, afinal muitos produtores

de Fake News escondem ou mascaram a sua identidade; verifique se a fonte do site é confiável; busque sempre por mais fontes sobre a notícia; desconfie de textos onde as palavras não estejam escritas corretamente; muito cuidado com os arquivos de textos e vídeos, eles podem ser facilmente manipulados e retirados de contexto; consulte sites de agências de jornalismo especializadas em checar se um conteúdo é Fake News ou não.

Para que você não seja um colaborador voluntário na publicação de conteúdos falsos é melhor ser um usuário consciente da Internet e das redes sociais empenhado em verificar a autenticidade e a credibilidade das informações antes de sair por aí espalhando.



Tá na mão!

Leia o artigo **“A verdadeira história das notícias falsas”**, do historiador Robert Darnton.
Acesse em: <https://bit.ly/3kHZqqU>

Não perca a entrevista **“As diferenças entre fake news, pós-verdade e o papel da escola”**, com Mariana Barbosa. Acesse em: <https://bit.ly/30umv94>

DIÁRIO EaD: Cotidiano escolar nas redes

Com a pandemia de Covid-19, professores e estudantes foram desafiados a migrarem as atividades escolares para o ambiente online, enfrentando um cenário de precariedades

Por Mayara Xavier, professora do Centro de Ensino Joviana Silva Farias, em Açailândia (MA)

ENVIO DE ATIVIDADE PELA PLATAFORMA, vários grupos de WhatsApp (um para cada turma), mensagem dez minutos antes da aula começar com o link da chamada. De salas com 50 alunos, muitas vezes apenas doze estavam presentes. Impossibilidade de conexão (conexão real, entre pessoas, e também a da Internet), de perceber as individualidades, as potencialidades, de ver os olhos brilhando ao entender algo ou com dúvidas.

Eram só quinze dias. Lá se foi um mês, um semestre, um ano, um ano e meio.

Por definição EaD (Ensino a Distância) significa uma modalidade de ensino totalmente ocorrida em ambiente virtual, onde não há necessidade da presença física para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, as interações, atividades e contatos acontecem de maneira online por meio de plataformas e recursos próprios. A EaD ganhou espaço na educação brasileira na última década, especialmente, com o *boom* das universidades e a explosão de novas unidades e cursos.

Para que ocorra a EaD é preciso toda uma preparação anterior, tanto das instituições, quanto dos docentes e alunos: são necessários equipamentos que permitam os formatos

diferentes de aulas, programas específicos que facilitem a interação e, principalmente, boa gestão de tempo – que requer maturidade e um embasamento de sala de aula anteriores.

Para que o ensino da educação básica passasse para o formato online durante a pandemia não houve nenhuma preparação anterior: de uma semana para outra o mundo mudou e a educação também. Por isso é tão complexo – e quiçá errôneo – falar em uma educação a distância nesse contexto e o retorno ao modelo híbrido tem sido a prova: não houve, de fato, um processo educativo democrático.

A verdade é que perdemos nesse tempo. Perdemos em conteúdo, em chance de deixar o país mais igualitário.

Mas é verdade também que o ensino com o auxílio de ferramentas digitais carrega inúmeros ganhos e mesmo após a retomada total, as heranças digitais permanecerão (e que bom!): quando alinhadas, e não puramente substituindo a forma presencial de ensino, as ferramentas são de grande utilidade, como o Google Classroom, os sites que permitem jogos educacionais online e também as redes sociais, que são um potente mecanismo de comunicação, engajamento, participação instantânea e de interesse.

A educação só faz sentido quando faz e tem sentido. Num mundo cheio de complexidades não podemos deixar de lado os aspectos que permeiam a vida. A tecnologia está nesse meio. Mas também não podemos abrir mão do contato, da afetividade. Isso seria abrir brecha para a intensificação de fenômenos já presentes, como o sucateamento e a privatização.

Que o presente e o futuro da educação sejam cheios de significado e conectados, mas com intencionalidade, de forma democrática e visando sempre a justiça social.





Redes sociais: use, mas não abuse!

Atitudes positivas, éticas e responsáveis ajudam a transformar a Internet em um lugar melhor e mais saudável

Por Guilherme Monteles, do Centro de Ensino Quilombola Anajatubense, em Anajatuba (MA).

AS REDES SOCIAIS fazem parte da nossa vida. Elas se desenvolvem continuamente conforme o avanço do conhecimento tecnológico. Contudo, seu uso abusivo e descuidado por milhões de pessoas pode gerar bastante problemas, como sofrer cyberbullying, ser vítima de golpes, fraudes e outros crimes virtuais, que podem trazer consequências graves para quem está sendo alvo de tal abuso.

Um ponto indispensável que eu ressalto aqui é que, de maneira alguma, devemos nos sentir superiores ou ofender pessoas que tenham alguma dificuldade em se comunicar ou que pensem diferente. Jamais devemos tratar ninguém com atos desprezíveis. As redes sociais, ao meu ver, foram criadas para gerar conhecimento e interação entre todos os usuários.

Acho que precisamos refletir sobre o tempo que passamos bisbilhotando nas redes, ver se isso traz alguma vantagem e agir com responsabilidade. Digo isso porque, hoje em dia, quando um conteúdo é publicado na Internet, quem não gostou dele “senta a mão” nos comentários sem pensar duas vezes, se achando o maioral. Por incrível que pareça, existem pessoas que desejam o mal para o próximo, mesmo que não o conheça.



Essa atitude é lamentável, pois, ao invés disso, essas pessoas poderiam incentivar um amigo ou até mesmo um desconhecido. Tudo não seria mais fácil assim? Faça o bem para que mais na frente você possa ser retribuído. Acredito eu que se tivermos a intenção de ajudar e se agirmos de bom grado, o mal, por assim dizer, vai acabando aos poucos.

Comentários maldosos nas redes sociais, passaram a ser normais no cotidiano e esse tipo de comportamento é bastante fútil e prejudicial. Seu comentário pode chegar a uma pessoa que está muito frágil, sofrendo emocional e psicologicamente. **Vamos imaginar:**

como você acha que essa pessoa reagiria a uma mensagem de ódio? Peço, por favor, a todos que reflitam sobre suas atitudes no ambiente virtual.

Minha dica é: ao ver um post com o objetivo de maltratar e abusar de uma pessoa, tome alguma atitude, denuncie, bloqueie e não compartilhe ou propague esses conteúdos.

Ao invés de cuidar da vida dos outros, nós podemos e devemos visar nosso futuro. E como todos nós sabemos, conhecimento é a chave que abre todas as portas. Vamos concordar, né? Toda hora tem novas oportunidades aparecendo na rede. Use a Internet de maneira ética e saudável. Você verá que pode ir mais longe do que jamais imaginou.



Detox digital ou uso consciente das redes?

Algumas pessoas defendem a abstinência total das redes sociais. Mas será que esse é o único caminho?

Por Ana Paula Santos, Gizelle Maria Lopes e Kevilly Kaiane, do Centro de Ensino Wady Fiquene, em Imperatriz (MA)

É VERDADE QUE a criação de comunidades virtuais ou redes sociais, como são popularmente conhecidas, trouxe inúmeros benefícios para a sociedade. Por meio destas plataformas podemos nos conectar com amigos e familiares, além de conhecer pessoas com interesses em comum. Contudo, também é fato que precisamos tomar alguns cuidados quando pensamos no uso das redes.

Não é incomum escutar argumentos para excluir os perfis e, assim, ficar livre de golpes e outras ameaças na Internet. Será que essa é, de fato, a alternativa mais saudável? É possível aproveitar ao máximo as potencialidades do mundo digital, gerar impacto positivo e – ao mesmo tempo – se proteger de pessoas mal intencionadas?

FIKDIK

Separamos algumas dicas de boas práticas para te ajudar a repensar sua conduta nas redes sociais, contribuindo para transformar essas comunidades em espaços saudáveis de troca e relacionamento.



Instale aplicativos de proteção nos seus dispositivos.

Antivírus, por exemplo, são recursos essenciais para garantir a segurança do seu computador ou celular.



Tenha cuidado ao acessar sites desconhecidos.

Algumas páginas da web sites são “armadilhas” para fraudes e golpes ou podem ter conteúdo inapropriado.



Para não vacilar e se expor demais nas redes, planeje suas postagens.

Evite divulgar informações pessoais ou de familiares no seu perfil – como, por exemplo, onde você mora ou estuda.



Analise com atenção os perfis que você segue.

Na Internet, nem todo mundo produz conteúdo responsável. Veja se os perfis que você tem como referência usam esse espaço de forma positiva.



Não compartilhe links sem saber se são seguros.

Os links que você deseja compartilhar são de sites confiáveis? As informações são verdadeiras? É fundamental fazer o exercício de checagem.



Trate todas as pessoas com respeito.

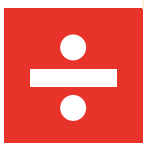
Ter uma boa conduta nas redes sociais é essencial para não tratar ninguém de forma preconceituosa. É possível discordar sem ofender as pessoas!



Mídias escolares – uma ferramenta de participação juvenil

Projeto consulta estudantes e professores
de escolas do Maranhão sobre mídias na escola

Por Jéssica Rezende e Juliane Cruz, do projeto U-Report Brasil, em São Paulo (SP).



O USO PEDAGÓGICO DAS MÍDIAS na escola pode até parecer, mas não é algo tão recente. No início do século XX, o educador Célestin Freinet desenvolveu importantes iniciativas de apropriação da imprensa no contexto escolar por meio da proposta de desenvolvimento de um jornal produzido por estudantes; a fim de construir um espaço de livre expressão, criatividade e fortalecimento do ecossistema comunicativo no ambiente escolar – intervenções que hoje podemos entender como educacionais.

Muitas outras experiências de educação midiática foram desenvolvidas ao longo da história em diferentes locais do mundo e ajudaram a consolidar o campo de intervenção social que nasce da inter-relação entre a comunicação e a educação – a Educomunicação.

No atual contexto informacional, onde os meios de comunicação se estabelecem cada vez mais como uma das principais agências de socialização dos sujeitos, construir discussões sobre o assunto e apropriar-se das diferentes linguagens midiáticas no contexto escolar tem sido cada vez mais necessário.

Núcleos Educomunicativos e U-Report Brasil: deu match!

O U-Report é um programa global do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), implementado no Brasil desde 2017 pela Viração Educomunicação. Presente em mais de 80 países, conta com uma rede de mais de 17 milhões de adolescentes e jovens cadastrados na plataforma. Desses, são quase 106 mil brasileiros.

Por meio do WhatsApp, Facebook Messenger e Telegram, o robô lure mobiliza e envolve as juventudes em discussões relevantes sobre os seus próprios direitos. A iniciativa não tem rigor científico, mas é uma ferramenta importante de participação e conscientização cidadã para adolescentes e jovens entre 13 e 24 anos.

A partir de suas próprias vivências e leitura de mundo, os u-reporters podem dar suas opiniões a respeito de diversos assuntos. Os resultados são sistematizados e analisados por especialistas e defensores de direitos das juventudes, podendo contribuir para pressionar o Estado para a criação de políticas públicas e para apoiar ações de impacto social com foco nessa faixa etária.

No âmbito do projeto Núcleos Educomunicativos, o U-Report Brasil desenvolveu uma consulta interativa para entender o que estudantes e professores do Maranhão pensam sobre a importância da contribuição de adolescentes na construção de mídias escolares. Confira os destaques:

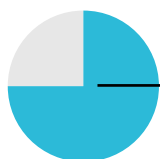
PERFIL DOS RESPONDENTES

- 563 participantes
- 214 meninos (38%), 338 meninas (60%) e 8 pessoas não-binárias (1%)
- Participação de 12 escolas
- 556 estudantes e 24 educadores



IMPORTÂNCIA DAS MÍDIAS ESCOLARES

84% acha importante que a sua escola tenha canais de comunicação com conteúdos produzidos pelos próprios estudantes.



75% acompanharia na Internet os canais de conteúdo produzidos por estudantes da sua escola.

QUAIS CONTEÚDOS SÃO DE INTERESSE?



32% vídeos curtos – no formato Reels/TikTok



23% páginas nas redes sociais – Facebook, Instagram, Twitter, TikTok



15% vídeos longos – YouTube e IGTV



6% sites ou blogs



5% jornal mural



5% revista ou jornal impresso

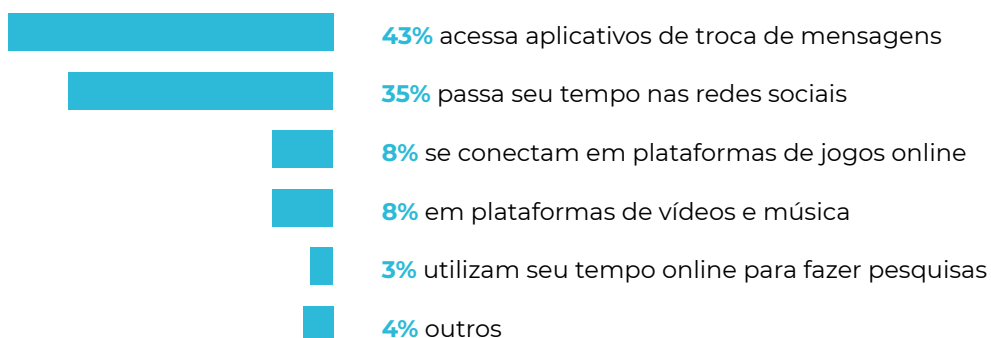


5% outros – indicaram WhatsApp, livros, TV, lives, Telegram, música, grafitti, etc.

ASSUNTOS DE INTERESSE

Educação, história, trabalho, Covid-19, ansiedade, inglês, meio ambiente, projetos, ética, direitos, Brasil, cultura, matemática, preconceitos, bullying, gênero, aulas, física, esporte, tecnologia, saúde mental, arte, violência, depressão, notícias, igualdade, português, ENEM, racismo, educação financeira, política, educação sexual, drogas.

EM QUAIS CANAIS PASSAM MAIS TEMPO ONLINE?



Com o desafio de mobilizar seus pares e, assim, alcançar mais pessoas, os adolescentes puderam ter uma experiência real de articulação e vivenciar “na pele” a potência de transformação que a participação juvenil pode gerar não só no ambiente escolar, mas em toda a sociedade civil.

Tá na mão!

Conheça mais sobre o U-Report Brasil e faça parte dessa comunidade potente. Acesse: <https://linktr.ee/ureportbr>



“Quero criar conteúdo para a Internet, mas não sei por onde começar”

Confira uma lista de aplicativos e ferramentas gratuitas que vão te dar um empurrãozinho para criar conteúdo digital

Por Aline Nogueira e Jéssica Rezende, da Viração, em São Paulo (SP)

UMA DAS GRANDES VANTAGENS que a Internet trouxe para a sociedade em geral é a possibilidade de qualquer pessoa produzir conteúdo sobre o assunto que quiser, no formato que escolher. Memes, artigos, podcasts, carrossel no Instagram, fios explicativos no Twitter, vídeos curtos (como os famosos Reels ou TikToks) ou mais longos; enfim, as linguagens são inúmeras.

Para se jogar nessa *trend*, separamos algumas dicas que vão te ajudar a engajar, comunicar, mobilizar pessoas e gerar impactos positivos com o seu conteúdo. Se liga!

FERRAMENTA

CATEGORIA

SAIBA +

Canva
Design

Criação
e design

Plataforma de design e criatividade. Você pode usar templates ou criar suas artes do zero – e de forma colaborativa!
Possui plano gratuito (muito bom, por sinal!); mas, a opção paga pode ser um investimento interessante para quem pretende entregar trabalhos mais profissionais.

Google
Docs

Escrita
colaborativa

Faz parte de um pacote de aplicativos Google. O Docs é ideal para escrever textos em grupo, de forma assíncrona ou em tempo real.

Capcut

Edição
de vídeos

Editor de vídeo para celular gratuito e disponível para Android e iOS.
Tem sido muito usado para legendagem de vídeos e stories do Instagram, o app conta com diversos recursos que vão elevar a qualidade da sua produção audiovisual.

Inshot

Edição
de fotos
e vídeos

Editor de fotos e vídeo para celular gratuito e disponível para Android e iOS. Fácil de usar e ideal para vídeos curtos; permite que o usuário faça edições simples, mas criativas – chegando a um resultado bem legal.

Snapseed

Edição
de fotos

Considerado como um dos melhores aplicativos de edição de fotos para dispositivos móveis. Ele é fácil de usar e disponibiliza diversas funcionalidades que, se usadas da maneira adequada, podem transformar aquela fotografia comum em um trabalho mais profissional.

VSCO
Cam

Edição
de fotos

Um dos aplicativos mais queridos da galera, oferece ferramentas básicas de edição de imagens. Com ele, é possível ajustar luz, contraste, temperatura; além de cortar a foto e aplicar filtros especiais.

Unfold

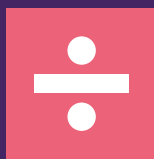
Criação
de stories

Se você gosta de personalizar suas publicações do Instagram Stories, esse é o aplicativo que não pode faltar no seu kit de ferramentas.
Ele permite que o usuário faça montagens com fotos, use molduras personalizadas, adicione textos e até filtros. Tem bastante opções gratuitas e pacotes extras disponíveis para compra.

Notion

Organização

Um aplicativo que pode ser usado tanto no computador, quanto no celular. Pode ser usado para organização pessoal, de estudos, de trabalho... e tudo mais que sua imaginação permitir.
Ele é completamente gratuito e intuitivo, ideal para fazer o planejamento dos seus conteúdos. Você pode usar templates pré-definidos, criados e disponibilizados por outros usuários ou, até mesmo, montar o banco de dados de acordo com as suas necessidades.



Pronome neutro é mesmo necessário?

Polêmica em torno do uso de pronome neutro inviabiliza pessoas não binárias

Por Raiza Prates Andrade, do Centro de Ensino Joviana Silva Farias, em Açailândia (MA).

O USO DE PRONOME NEUTRO é um assunto que vem sendo bastante discutido nos últimos tempos. Ele consiste, basicamente, na utilização de letras que não especifiquem o gênero. Por exemplo, em vez de amigos ou amigas, usar amigues. A linguagem neutra busca contemplar pessoas que não se encaixam no binarismo de gênero – masculino/feminino – imposto pela sociedade. Mas ainda tem muita gente que se opõe a ela, mesmo visando uma comunicação mais respeitosa e inclusiva.

Segundo minhas pesquisas, as pessoas que costumam deslegitimar o uso de gêneros neutros são, geralmente, heterossexuais e cisgêneras. Uma das várias desculpas que elas dão é que, usar uma terceira letra, que não faça referência ao gênero masculino ou feminino, “agride” a Língua Portuguesa. Mas o mais curioso de tudo é que o nosso idioma passa por constantes mudanças, já que a língua é viva e assume variáveis regionais, culturais, sociais, etc. Portanto, o pronome neutro pode sim ser inserido na nossa língua.

A verdade é que diversos idiomas já utilizam, oficialmente, pronomes neutros; em inglês (they), em sueco (hen), em russo (ono) e muitos outros. A Língua Portuguesa, no entanto, especifica o gênero feminino e masculino e, pluraliza quase sempre no masculino. Mesmo que masculino e feminino não contemplem todas as identidades de gênero existentes.

Então, adicionando o elu/delu oficialmente na língua portuguesa estaremos quebrando muitas barreiras contra o preconceito, tornando o nosso povo mais inclusivo e ajudando a travar batalhas em prol das minorias e dos oprimidos, pois a única coisa que as pessoas da comunidade LGBTQIA+ querem é o direito de amar.

Tá na mão!

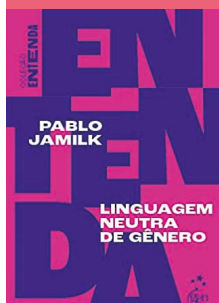
Aprenda mais sobre o assunto com as nossas indicações.

Para assistir:

- 1 **Linguagem neutra**, no canal @ELLE Brasil.
- 2 **O que é ser não-binário? Consultora explica uso de pronomes neutros**, no canal do UOL.

Para ler:

Coleção Entenda – Linguagem neutra de gênero, de Pablo Jamilk.



Vozes que importam

Falamos com algumas pessoas sobre como é ser não-binário. Confira!

Você se sente representado?

“Sinceramente? Não, os NB's ainda têm pouquíssima visibilidade na sociedade.”

Ariel – 16 anos, de Vitória da Conquista (BA)

Qual o maior desafio que você enfrenta por ser não-binária?

"O maior desafio que eu enfrento é o de quase todo dia ser invalidado apenas por ser quem sou."

Theo – 16 anos,
de São Paulo (SP)

O que é ser NB (não-binária) para você?

"Ser NB, para mim, é quebrar parâmetros impostos pela sociedade, como enxergar apenas dois gênero como válidos. Eu me sinto mais eu sendo não-binária. Me sinto livre!"

Alex – 15 anos, de São Paulo (SP)

Famosos não-binários – NB's

Sara Ramirez (ela/elu)

Atriz conhecida por seu papel como Callie Torres na série Grey's Anatomy. Ela usou o Instagram para escrever o seguinte texto: "Nova foto de perfil. Em mim, existe a capacidade de ser um garoto feminino, uma menina masculina, um garoto masculino, uma menina feminina. Todas as alternativas. Ou nenhuma delas #nonbinary".

Brigitte Lundy-Paine (elu/delu)

Elu é responsável por interpretar Casey na série Atypical e disse em suas redes sociais: "Sou não-binária. Sempre me senti um garotinho, uma garotinha, um pouco ou nenhum dos dois. Usando 'eles' por tanto tempo não parece certo. É assustador se assumir e não apenas ficar adiando isso. Mas sinto que devo isso a mim e a todos nós que lutamos com gênero. Se você é não-binário, comente e comemore a si mesmo! Você é lindo e plena. Obrigado, pessoal!".

Demi Lovato (elu/delu)

Em maio deste ano, a cantora divulgou um vídeo dizendo o seguinte: "Durante o último ano e meio, eu passei por um processo de cura e reflexão. Com a ajuda deste trabalho, tive a revelação que me identifico como pessoa não-binária. Dito isso, oficialmente vou mudar meus pronomes para 'they/them'(elu/delu). Acredito que isso representa melhor a fluidez que sinto na minha expressão de gênero, e permite com que eu tenha mais autenticidade e honestidade em relação a quem sou, a quem ainda estou descobrindo".

Sam Smith (elu/delu)

Em 2019, o cantor revelou em uma entrevista: "Não sou homem, nem mulher. Eu acho que flutuo em algum lugar entre os dois".

Emma Corrin (ela/elu)

A atriz que interpreta a Lady Diana Spencer, em The Crown, disse em uma entrevista à Rede ITV: "Eu acho que estamos tão acostumados a nos definirmos e, infelizmente, é desse jeito que a sociedade funciona, dentro dessas binariedades. Eu levei muito tempo para perceber que estou entre as duas coisas, mas eu ainda não sei exatamente qual é o meu lugar. Mas acho que visibilidade é essencial".

Qual o valor de uma legenda?

Algumas reflexões sobre acessibilidade na comunicação digital.

Por Monise Berno, da Viração, em São Paulo (SP)

NA COMUNICAÇÃO, acessível é tudo o que pode ser lido, entendido, visto, imaginado, acessado pela maior quantidade de pessoas possível. Porém, quando acessamos nossas redes sociais, blogs e portais de notícias, nem sempre encontramos essa tal acessibilidade.

QUAL O VALOR DE UMA LEGENDA EM UM VÍDEO?

O QUANTO É IMPORTANTE DESCREVER IMAGENS?

POR QUE FAZER A AUDIODESCRIÇÃO DE UM TEXTO?

Essas são perguntas que necessitam de um exercício profundo de empatia para serem respondidas, principalmente quando olhamos para o mundo digital acelerado e diverso.

Nós, pessoas que operam todos os sentidos para compreender o mundo, nem sempre temos como objetivo comunicar de forma acessível. E poucas vezes nos colocamos no lugar do outro ao produzir um conteúdo – não me refiro só a pessoas com deficiências físicas ou déficits de aprendizagem: existem pessoas com as mais diversas idades e trajetórias que receberão seu conteúdo, mesmo que seja um “simples” compartilhamento.

É importante ter atenção para a acessibilidade – mas não basta colocar *robôs* para ler artigos: é preciso pensar e produzir o texto alternativo, a legenda, a audiodescrição, a interpretação em Libras, com a mesma dedicação com a qual se produz toda a comunicação.

É preciso tempo para entender como o que eu comunico chega às pessoas – ao maior número de pessoas – leitoras, ouvintes, que convivem com condições neurológicas e com alguma deficiência. Leva tempo aprender a compreender a diversidade de “receptores”

da mensagem que queremos compartilhar. E além de não ser rápida, essa compreensão não é indolor – olhar para si como pessoa que exclui, mesmo que a intenção não seja essa, dói.

Aprender a comunicar sem excluir é urgente. Sugiro que comecemos a partir do que está ao nosso alcance para garantir, em comunidade, que uma imensa parcela de pessoas exerça seu direito à comunicação, negado por um sistema que insiste em definir *quem acessa o quê* apenas por nossas características e agravado pela velocidade dos tempos digitais.



Tá na mão!

O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no primeiro semestre de 2021, realizou uma série de debates online com especialistas para discutir a acessibilidade em diversos formatos. **Assista:**

<https://bit.ly/3DruCSs>

Educar para e com as mídias

Há urgência de preparar crianças, adolescentes e jovens para um mundo hiperconectado e hiperinformado: este é o papel da Educação Midiática

Por Vania Correia,
da Viração, em Bonito (MS)



ESTUDAR, TRABALHAR, CONVERSAR, fazer chamada de vídeo com os contatinhos, pagar contas, ouvir música... é imensa a lista de atividades que, hoje em dia, fazemos diante de uma tela. Com uma presença cada vez mais intensa no nosso cotidiano, a Internet e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação impactam e transformam múltiplas dimensões das nossas vidas. E, em uma sociedade hiperconectada e hiperinformada, cada notificação que pipoca no nosso celular nos abre um mundo inteiro de possibilidades. Trata-se de uma realidade tão fantástica quanto desafiadora, especialmente quando falamos da educação e proteção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens.

Por um lado, essa digitalização da vida traz oportunidades incríveis para que meninas, meninos e meninos aprendam, socializem e se expressem. Por outro, ela traz riscos que ameaçam sua segurança e bem-estar; enfrentá-los é fundamental para garantir que crianças, adolescentes e jovens se desenvolvam de forma saudável nesse contexto digital.

É aí que entra a **Educação Midiática** – educação para e com as mídias – que busca desenvolver as competências necessárias para que cada pessoa participe de forma responsável, ética e criativa desse novo cenário de comunicação. Para o EducaMídia, ela é *“o conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica e reflexiva do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos – dos impressos aos digitais”*.

A ideia é que crianças, adolescentes e jovens compreendam o papel e o funcionamento das mídias, desenvolvam senso crítico em relação às suas mensagens, além de incentivá-las a criarem conteúdos autorais, se expressem e participem da sociedade por meio das mídias. Nesse sentido, a Educação Midiática favorece o pleno exercício do direito humano à comunicação e a liberdade de expressão, pois cria as condições necessárias para que as pessoas possam se informar e se manifestar publicamente com criticidade e autonomia. Ela também fortalece a democracia ao oferecer instrumentos para superarmos a desinformação, a disseminação de discursos de ódio e a intolerância.

Em resumo, a Educação Midiática é fundamental para a formação de sujeitos bem informados, éticos e participativos, em condições de exercer plenamente a cidadania e enfrentar os desafios do século XXI.

O **EducaMídia** é um programa do Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org, criado para capacitar professores e organizações de ensino e engajar a sociedade no processo de Educação Midiática. No site do programa você encontra uma série de materiais sobre o tema, inclusive o Guia da Educação Midiática, criado por Ana Claudia Ferrari, Daniela Machado e Mariana Ochs. Acesse em <https://educamidia.org.br/>





Nativos digitais, mas...

É verdade que as novas gerações de crianças, adolescentes e jovens – nativas digitais – podem ter facilidade para usar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) por terem nascido num contexto em que elas já eram onipresentes. Mas isso não significa que estejam preparadas para lidar com a complexidade do atual contexto comunicacional e tecnológico.

De acordo com o relatório *Leitores do século 21: Desenvolvendo habilidades de alfabetização em um mundo digital*, divulgado em maio deste ano pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), quase sete a cada dez estudantes – ou 67% – não sabem diferenciar fatos de opiniões ao lerem um texto. Diante do enorme fluxo de informações da era digital, conseguir discernir entre os diferentes tipos de conteúdos e identificar informações tendenciosas ou falsas é essencial para a formação de opinião e tomada de boas decisões.

Ou seja, não basta que meninas, meninos e meninos saibam manusear correta e habilmente as tecnologias digitais, é importante que saibam interpretar as informações que acessam, analisar os tipos de conteúdos, refletir sobre eles e compreender suas nuances. Além disso, precisam aprender a reconhecer e se proteger das ameaças virtuais; pensar sobre as próprias atitudes no ambiente online; se questionar criticamente sobre a relação com as tecnologias.



Reflexões da Pandemia

A pandemia de Covid-19 atualizou o debate sobre porque e como educar para e com as mídias. Com as medidas de distanciamento social, necessárias para conter o avanço do novo coronavírus, grande parte das nossas tarefas e interações passaram a ser realizadas em ambientes online, incluindo, as aulas escolares. Com isso, ganhou relevância tanto questões relacionadas à exclusão digital e ao acesso precário às TDIC – que compromete a aprendizagem de milhares de estudantes –, quanto à segurança digital e ao uso saudável das redes – considerando os riscos provocados pelo aumento da exposição ao ambiente online.

Durante esse período, quem não se deparou com uma Fake News ou com discursos ofensivos? Quem não sentiu confusão ou ansiedade diante de um mar de informações? Quantas vezes nos questionamos sobre o tempo que passamos online e a proteção dos nossos dados? Quem não se cansou das telas? Ao mesmo tempo em que a pandemia acelerou e aprofundou a digitalização da vida, também nos provocou a repensar nossa relação com a Internet e escancarou a urgência e a relevância da Educação Midiática.



Educação Midiática na BNCC

Embora não apareça explicitamente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os pilares da Educação Midiática estão presentes no documento como elementos fundamentais do desenvolvimento de estudantes no contexto digital.

Algumas das competências gerais tratam mais especificamente das práticas comunicacionais e da cultura digital. É o caso da competência 5:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.”

A Base possibilita que a Educação Midiática seja trabalhada de forma transversal e multidisciplinar, enquanto um processo que se relaciona com todas as disciplinas.

Os bastidores da web nas telas

Produções da Netflix exploram temas delicados sobre segurança e privacidade na Internet

Por Ana Mikaelly Carvalho Neres, Edvan Fideles Costa, Júlia Gabriele Reis Da Costa e Yasmin Portela Veras, da Escola Bandeira Tribuzzi, em Santa Inês (MA)

NOS ÚLTIMOS ANOS, as mídias sociais têm se tornado cada vez mais presentes em nosso cotidiano. E, assim como qualquer coisa, elas têm lados positivo e negativo.

O documentário *Privacidade Hackeada* (2019), uma criação da Netflix produzida e dirigida por Jehane Noujaim e Karim Amer, apresenta vários pontos de vista em relação ao escândalo da Cambridge Analítica.

Em 2016, a empresa de marketing se gabava por ter os dados de 87 milhões de usuários do Facebook. Até que o americano David Carroll decidiu pedir seus dados pessoais, o que desencadeou uma investigação que expôs o uso indevido dessas informações. Em

resumo, a Cambridge captava informações dos usuários do Facebook por meio de “testes psicológicos”, sem a permissão das pessoas – e o pior: não havia transparência em relação ao destino e o uso que a corporação fazia desses dados.

Uma segunda opção para refletir sobre o tema é o *Dilema das Redes* (2020), dirigido por Jeff Orlowski, também produzido pela Netflix. No documentário, assuntos mais sensíveis são abordados, como o fato de estarmos sendo controlados por grandes empresas de tecnologia, através do que vemos nos feeds das mídias sociais, do que curtimos, comentamos, entre vários outros aspectos da nossa relação com a tecnologia. As plataformas atuais possibilitam a disseminação de narrativas manipuladoras com uma facilidade alarmante.

Os dois documentários jogam uma luz no que poderia ser os bastidores das mídias sociais e ajuda o público a ver o que ainda não foi exposto totalmente para os usuários dessas redes de comunicação. As duas produções nos trazem uma visão diferente do que geralmente é visto nos posts do Instagram, sobre Fake News e seus inúmeros efeitos colaterais, o que geralmente ignoramos. Também apresentam como essas redes podem e são usadas; como uma ferramenta de manipulação em favor de determinadas pessoas, empresas ou até mesmo governos. Assista e a sua relação com a Internet nunca mais será a mesma!



Tá na mão

Confira o trailer das duas produções:

Dilema das redes:

<https://bit.ly/3kDAH79>



Privacidade hackeada:

<https://bit.ly/3FmbENF>



ESCANEE O CÓDIGO
E ACESSE OS **ROTEIROS
PEDAGÓGICOS** USADOS
NO PROJETO **NÚCLEOS
EDUCOMUNICATIVOS.**



[FACEBOOK.COM/VIRACAO.EDUCOMUNICACAO](https://www.facebook.com/viracao.educunicacao)
[INSTAGRAM.COM/VIRACAOEDUCOM](https://www.instagram.com/viracaoeducom)
[TWITTER.COM/VIRACAOEDUCOM](https://twitter.com/viracaoeducom)





Trilhos da EDUCAÇÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL:



REALIZAÇÃO:



SEDUC

